

Coro infanto-juvenil: aspectos do trabalho do regente-educador

Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira
Universidade de São Paulo – ana.gaborim@usp.br

Marco Antonio da Silva Ramos
Universidade de São Paulo –masilvaramos@gmail.com

Resumo: este artigo traz algumas reflexões acerca do trabalho do regente coral enquanto educador musical, discorrendo a respeito de suas competências e habilidades, bem como da metodologia a ser adotada. Essas reflexões são parte de uma pesquisa-ação que tem como tema a regência coral infanto-juvenil, em seus múltiplos aspectos. Neste artigo focamos o momento do ensaio coral como uma situação de ensino-aprendizagem e construção da performance artística, estabelecendo alguns paralelos com o trabalho prático de um coro em desenvolvimento.

Palavras-chave: regência coral, educação musical, coro infanto-juvenil.

Children and youth choir: aspects of the work of the conductor-educator

Abstract: this article offers some reflections on the work of the choir conductor as a music educator, talking about their skills and abilities as well as the methodology to be used. These reflections are part of an action research which has as its theme the children and youth choir conduction, in its multiple aspects. In this article we focus on the choral rehearsal as a teaching-learning situation and as the construction of the artistic performance, establishing some parallels with the practical work of a developing choir.

Keywords: choir conduction, music education, children and youth choir.

1. Introdução

O projeto de pesquisa sobre o qual discorreremos neste artigo enfoca a prática coral infanto-juvenil como uma atividade musical que se constrói sobre processos de ensino-aprendizagem, que se desenvolve nas relações indivíduo-grupo e se consolida na performance artística. Para a realização desse trabalho, após um período de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo, foi estruturado o PCIU ! (Projeto Coral Infanto-juvenil da UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Trata-se de um projeto de extensão que atende a um grupo de crianças de 06 a 12 anos da comunidade campo-grandense cuja participação é gratuita e independente de prévio conhecimento musical. Ao mesmo tempo, o projeto também congrega o ensino e a pesquisa, uma vez que os acadêmicos do curso de Música da UFMS tem a oportunidade de acompanhar o trabalho do coro numa atuação orientada, participando das reflexões sobre os processos pedagógicos e artísticos que se estabelecem nessa prática social. Nesse sentido, o trabalho em questão se configura como pesquisa-ação, que segundo Thiollent,

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2004: 14).

Assim, por meio da pesquisa-ação, realizamos discussões pertinentes sobre o trabalho realizado, cercado cada problema apresentado com uma bibliografia coerente e apresentando resultados concretos a partir da análise dessa prática.

Dessa maneira, pretendemos contribuir não só para a formação de futuros regentes e educadores, mas para o crescimento e fortalecimento da área coral infanto-juvenil em nosso país. Sílvia Sobreira, ao discorrer sobre a atual prática coral no contexto escolar, afirma que “há insuficiência de discussões e propostas tendo o canto coral como recurso de musicalização” (SOBREIRA, 2013: 11). No entanto, desde o estabelecimento da Lei 11.769/2008 - que institui a música como conteúdo obrigatório nas escolas -, as possibilidades de realização dessa prática coral tem se ampliado. Sobreira ressalta que este é o momento ideal para “reconfigurarmos sua utilização como uma das possibilidades de um projeto educativo de qualidade” (SOBREIRA, 2013: 12)

2. O regente-educador

Nesta pesquisa, concebemos o coro como um “espaço de educação permanente” (COSTA, 2005: 6) e o regente coral como um “agente do processo educacional” (FIGUEIREDO, 1990: 19). Portanto, ao discutir aspectos do trabalho do regente coral infanto-juvenil, pensamos neste profissional como essencialmente um educador. Lucy Schimiti (2003: 2) também corrobora esse pensamento e ressalta a especificidade do trabalho com esse público:

se o trabalho musical com adultos requer um preparo especial por parte do educador, muito maior parece ser a responsabilidade dessa tarefa quando nos propomos realizá-la com crianças e jovens; com essa faixa é quase impossível desfazermos as primeiras impressões. Se não oferecermos dados para essa vivência de forma absolutamente segura e objetiva, poderemos estar perdendo a oportunidade de obter o interesse e a motivação necessários para o sucesso da atividade que nos propusemos realizar. (SCHIMITI, 2003: 2)

Em termos pedagógicos e psicológicos que envolvem o relacionamento entre regente e coralistas, de maneira geral, podemos dizer que algumas atitudes e comportamentos que dizem respeito à postura do regente-educador, tais como: identificar-se com as crianças¹, estar atento aos temas infantis da atualidade, usar uma linguagem direta e adequada à faixa

etária, estabelecer regras, saber brincar nas horas apropriadas, ser sensível às necessidades das crianças, buscar formas de atrair o seu interesse no ensaio, motivar o seu empenho no trabalho e incentivar a sua permanência no grupo, são alguns dos requisitos básicos para se desenvolver um trabalho sólido com o coro infanto-juvenil. Mais ainda, é fundamental conhecer as fases do desenvolvimento infantil, para saber os limites que podem ser exigidos e para não criar expectativas além do que as crianças podem realizar, reconhecendo cada progresso alcançado.

Além desses conhecimentos e habilidades, é imprescindível que o regente tenha completo domínio da área musical, em especial o domínio das competências que o ser regente compreende:

conhecimentos na área de técnica vocal, ouvido apurado para questões de afinação, timbre, precisão rítmica, desenvoltura com questões analíticas e musicológicas, domínio do repertório e das questões interpretativas de natureza estilística, muita cultura geral, literária e artística. Além disso, na maioria dos casos, é necessário ter uma apurada técnica de resolução de problemas, seja através de atividades educativas, seja apenas sendo capaz de muita clareza para a identificação e criação de estratégias para obtenção de resultados. (RAMOS, 2003: 1)

Jacques Clos e Brigitte Rose, que apresentam a proposta de um curso de formação coral, também ressaltam a importância da experiência anterior do regente enquanto coralista:

é essencial possuir uma experiência como coralista ou cantor em um grupo vocal de câmara. Esta experiência lhe permite avaliar as sensações, as possibilidades e os limites dos coralistas, e que possa exigir, na medida certa, um resultado satisfatório no plano artístico (CLOS; ROSE, 2000: 107, tradução nossa)

Portanto, se o regente-educador se coloca no lugar do aluno-coralista para conhecê-lo e compreendê-lo melhor, recordando-se de seu próprio processo de aprendizagem, pode dessa maneira realizar as escolhas metodológicas mais adequadas para a eficiência do ensino musical no canto coral. Segundo Costa, “todas as ações pedagógicas implementadas junto ao coro, em todos os seus níveis, se refletirão no resultado musical do conjunto”. (COSTA, 2005: 50).

3. O ensaio coral

Atuando junto ao PCIU!, temos observado que o trabalho com coros infanto-juvenis atualmente tem se configurado sem muitas referências teóricas e práticas; no entanto, a qualidade do trabalho de educação musical por meio da regência é geralmente verificada,

pelo público, em relação à performance que o coro apresenta. Braga e Tourinho, ao tecerem considerações sobre o processo avaliativo em canto coral, constatam que

ao final da apresentação de um coral, qualquer ouvinte, independente do seu contato e conhecimento musical, é capaz de tecer comentários favoráveis ou não à performance musical do grupo. Os aspectos abordados poderão ser desde o repertório ao figurino utilizado. Percebe-se nesta ação que o autor das críticas traz consigo valores e conceitos que passam a ter a função de classificar o que julga ser bom para ouvir e ver. (BRAGA; TOURINHO, 2013: 19)

Como, então, é possível estruturar um trabalho artístico, que seja ao mesmo tempo um trabalho de educação musical pela voz, levando em conta que grande parte das crianças e brasileiras não tem sido ensinadas a cantar em outras situações além do coro? E ainda, como otimizar o trabalho de compreensão e interpretação musical em grupo por meio da técnica de regência, sem que se perca de vista o caráter lúdico que norteia o trabalho com o público infanto-juvenil?

Tentando responder a estas questões, nos apoiamos no discurso de Jean Bartle (2003: 33), que “é num ensaio dinâmico, bem organizado, cuidadosamente preparado, onde há uma harmonia vital estabelecida entre o coro e o regente, que se podem plantar as sementes de uma performance artística completa”. A autora afirma que

um excelente ensaio é talvez uma forma de arte em si mesmo. Reger um ensaio requer total concentração e completa integração entre a mente, o corpo e a alma. (...) O regente deve emitir muita energia positiva, enquanto os cantores devem sentir um senso de completude e bem-estar. A maioria das crianças vem para o ensaio porque ama a música, porque quer melhorar seu canto, porque se sentem completas, realizadas, e querem “curtir” a companhia do outro. No final do ensaio, as crianças devem estar “para cima”. (BARTLE, 2003: 33, tradução nossa)

Figueiredo também ressalta a importância do ensaio dentro da aprendizagem coral:

o ensaio é um momento fundamental na atividade coral. É no ensaio que se constrói o conhecimento musical de um grupo. São várias as habilidades exigidas dos integrantes de um coral. Diversos são os treinamentos que ocupam o ensaio com a finalidade de promover aprendizagem. Estes treinamentos devem possuir um objetivo comum: facilitar a realização musical. (FIGUEIREDO, 1990: 13)

O ensaio coral é, portanto, o momento onde se revela a metodologia de trabalho do regente-educador, onde se põe em cheque seu domínio musical e onde se criam as condições para que o coro seja levado à performance artística. Um ensaio mal planejado ou inadequado às condições do coro, pode levar à indisciplina e à falta de motivação e interesse

dos coralistas. Por outro lado, um ensaio bem pensado e adequadamente estruturado pode desenvolver plenamente as habilidades musicais dos coralistas e onde, conseqüentemente, também podem se desenvolver aspectos extra-musicais, ou seja, de ordem física, psicológica e cognitiva.

Embasando esta teoria, Claudia Bellochio (1994: 186), ao abordar aspectos do desenvolvimento sócio-cognitivo de crianças em idade escolar que participam de um coro, afirma que “a criança envolvida com a atividade coral desenvolve um referencial forte, que a coloca em destaque frente a seus companheiros (...) em função do desenvolvimento de conhecimentos que subsidiam e impulsionam a criatividade musical”. A autora ainda afirma que

as crianças-coristas apresentam-se mais autônomas frente a determinadas situações, ou seja, através de uma posição grupal mais socializada e do uso mais contínuo da expressão oral, ocorre um posicionamento intrapessoal mais efetivo do corista em situações sociais extra-coral, o qual consideramos como posicionamento autônomo. (BELLOCHIO, 1994: 186).

Portanto, é essencial que o regente-educador, ao planejar seu ensaio, verifique se a metodologia utilizada está adequada às características do público com o qual vai trabalhar - número de coralistas atendidos, sua faixa etária, gênero predominante (masculino, feminino ou misto), experiências e vivências que trazem consigo, ambiente social e cultural em que vivem - e que haja uma constante autoavaliação dessa metodologia.

No caso do PCIU, todos os ensaios, realizados semanalmente, são planejados e são gravados em vídeo, sendo analisados posteriormente. Dessa forma, podemos avaliar melhor o aprendizado do grupo, refletir sobre as dificuldades encontradas, sobre as situações não planejadas que exigiram uma intervenção improvisada da regente, bem como analisar o envolvimento das crianças com cada atividade. Dessa maneira podemos também registrar as sugestões criativas dos próprios coralistas que surgem durante a realização das atividades propostas, que contribuem para o processo de amadurecimento do grupo.

4. Planejamento do ensaio

Cada proposta coral difere em seus aspectos estruturais (local dos ensaios, disposição do espaço físico, periodicidade e duração, necessidade de apresentações, entre outros), na especificidade do trabalho (se é de cunho escolar, religioso, social, cultural ou apenas para lazer) e geralmente, em relação às condições propostas pelos mantenedores do

coro. Portanto, o planejamento é essencial para o trabalho do regente, conforme discorre Figueiredo:

é necessário que hajam objetivos a serem alcançados; é necessário que se verifique se os objetivos propostos foram ou não atingidos; é necessário que se tenha consciência do porquê certos objetivos foram ou não alcançados. (...) A organização e a objetividade de treinamento capacita os cantores e estimula a aprendizagem. Mais qualidade terá a aprendizagem quanto maior for a compreensão que ela puder gerar. (FIGUEIREDO, 1990: 13)

No caso do PCIU, os ensaios tem duração de duas horas, realizados aos sábados pela manhã, e são estruturados da seguinte maneira: primeiramente são realizadas atividades rítmicas, tendo como referencial o método Dalcroze e considerando que a precisão rítmica é um importante fator no trabalho coral, influenciando também na afinação do grupo. Essas atividades trabalham a expressão corporal e a coordenação motora, contribuindo para que o conteúdo musical seja vivenciado pelo corpo. Além disso, o conteúdo das atividades é posteriormente aplicado ao canto (que flui mais naturalmente) e vem a constituir conceitos musicais, como pulsação, apoio, ritmo, divisão rítmica, tempos, compassos.

Na sequência, há o momento do lanche, que também é uma oportunidade de socialização. E é necessário ressaltar a importância de uma boa alimentação para o canto, considerando que muitas das crianças vem para o ensaio sem ter tomado o café da manhã.

Após o lanche realizamos um trabalho de solfejo, baseado no método Kodály, com o objetivo de ensinar a leitura musical associada ao canto. Por enquanto, como o trabalho ainda está no início, os coralistas lêem pequenos fragmentos de música, e os textos são associados às palavras que utilizamos no trabalho rítmico do início do ensaio.

Logo em seguida, iniciamos o trabalho de técnica vocal propriamente dito, que engloba o alongamento, o relaxamento dos membros superiores e da cabeça, a postura e o controle respiratório. Como exercício específico para o público infante-juvenil, realizamos jogos com o uso de *glissandos* ascendentes e descendentes, valendo-se da imaginação: desenhamos no ar, perfazemos caminhos do grave ao agudo com a voz acompanhando gestos com o corpo. Realizamos também exercícios de afinação, trabalhando com a emissão de vogais e ainda, com vocalizes específicos para a voz infante-juvenil, utilizando diversas combinações de sílabas e textos. Nesse trabalho de técnica vocal, tendo o regente como modelo, a criança aprende a usar sua voz, encontra o timbre mais apropriado para o canto em grupo, passa a escutar a harmonia das vozes dos colegas e constrói, em conjunto, o som do coro.

Por fim, temos o trabalho de estudo de repertório, onde aplicamos tudo o que desenvolvemos com os exercícios acima mencionados, sendo que o foco desse trabalho é o desenvolvimento vocal das crianças e a construção do som do grupo. Neste projeto, não priorizamos a escolha do repertório tendo em vista uma apresentação temática (dia das mães, páscoa, natal, etc), como geralmente acontece nas escolas e/ou projetos sociais, mas priorizamos as condições ideais para a aprendizagem de determinados conteúdos e habilidades que o repertório apresenta.

Considerando o público infanto-juvenil com o qual se trabalha, é importante que todo o trabalho seja lúdico, dando espaço para a espontaneidade e a criatividade. O caráter lúdico, além de fazer com que as crianças se identifiquem com as atividades, é parte integrante do processo de aprendizagem; no brincar, “a criança explora suas emoções, cria as hipóteses necessárias para o entendimento do que antes lhe parecia tão difícil, (...) organiza seu pensamento, faz uso da linguagem e da sua criatividade. (MARANHÃO, 2007: 5).

No PCIU!, procuramos realizar, portanto, um trabalho onde o conhecimento musical é construído com o senso de responsabilidade de cada coralista, mas ao mesmo tempo, um trabalho divertido, prazeroso e satisfatório para o público infanto-juvenil.

5. Considerações finais

O objetivo da tese em construção não é propor um novo método de regência coral infanto-juvenil, porque, como já expusemos, cada proposta coral difere em diversos aspectos. No entanto, apresentamos aqui alguns itens que consideramos de extrema importância para o trabalho coral, sobretudo pela falta de discussões acadêmicas a respeito da especificidade desse trabalho. Consideremos, ainda, a carência de materiais que sirvam como referência para o regente-educador dentro do atual cenário brasileiro, que apesar de bastante difuso – principalmente com relação às características peculiares da região onde se realiza - apresenta questionamentos, inquietações, dificuldades e desafios em comum.

Entendemos que a atuação do regente coral implica, além das funções de educador, no domínio de um conjunto de habilidades que transcendem a técnica e o conhecimento da área musical, enquanto administrador, empreendedor e gerente de relações humanas, para que possa exercer liderança de grupo, projetar e executar um plano de trabalho que atenda às necessidades do coro no contexto onde ele se insere. Isso significa a necessidade de se apresentar propostas concretas que otimizem o trabalho do regente, desde seu planejamento até a apresentação artística dos resultados diante do público.

Buscamos, com este artigo, fomentar reflexões aprofundadas sobre o tema, na busca de um referencial para que o canto coral infantil se configure em sua plenitude - sob aspectos pedagógicos e artísticos - enquanto área legítima de performance musical, atendendo às necessidades contemporâneas de educação musical sob vigência da Lei 11.769/2008, o que justifica a realização deste trabalho de pesquisa.

Referências:

BARTLE, Jean Ashworth. *Sound advice: becoming a better children's choir conductor*. Oxford University Press, 2003.

BRAGA, Simone; TOURINHO, Cristina. *Um por todos ou todos por um? Processos avaliativos em música*. Feira de Santana, BA: UEFS, 2013.

BELLOCHIO, Claudia Ribeiro. *O canto coral como mediação ao desenvolvimento sócio-cognitivo da criança em idade escolar*. Santa Maria, 1994. [260f.] Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria.

COSTA, Paulo Rubens M. *Diagnose em Canto Coral: parâmetros de análise e ferramentas para a avaliação*. São Paulo, 2005. [169f.]. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de São Paulo.

CLOS, Jacques; ROSE, Brigitte. *Chante choral à l'école de musique*. Paris: Cite de la musique, 2000.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira. *O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical*. Porto Alegre, 1990. [138f.]. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARANHÃO, Diva. *Ensinar brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira*. 4a.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

RAMOS, Marco Antonio da Silva. *O Ensino da Regência Coral*. São Paulo, 2003. [107f.] Tese (Livre-docência). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

SCHIMITI, Lucy Maurício. Regendo um coro infantil... reflexões, diretrizes e atividades. *Revista Canto Coral*, Brasília, Ano II, nº 1, p.15-18, 2003.

SOBREIRA, Silvia (org.). *Desafinando a escola*. Brasília: Musimed, 2013.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 13ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

¹ ao nos referirmos às crianças, compreendemos os coralistas de 06 a 12 anos, isto é, abrangendo também o período de pré-adolescência e adolescência.